

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

A Cultura visual na Educação Infantil

observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade

Resumo: O artigo faz parte de uma reflexão teórica a partir de uma proposta de intervenção pedagógica durante uma experiência de estágio infantil em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Tem como referência as discussões sobre cultura visual e a forma como elas se fazem presentes na realidade das crianças do grupo 6 de um Centro de Educação Infantil de Vitória/ES e, para isso, fundamenta-se em Barbosa (2008), Franz (2008), Araújo e Oliveira (2013). Apresenta, como *corpus* de análise, as imagens representadas pelas animações infantis populares, em 2019, diante da possibilidade de aplicação da colagem artística referenciada na obra da artista Domitila de Paulo como processo criativo e lúdico da experimentação artística das crianças.

Palavras-chave: Cultura visual. Educação Infantil. Leitura de imagens.

Visual culture in Early childhood education

Practical observations in contemporary art teaching

Abstract: The article is part of a theoretical reflection based on a pedagogical intervention proposal during a childhood internship experience in Visual Arts at the Federal University of Espírito Santo. It has as reference the discussions about visual culture and the way they are present in the reality of children in group 6 of a Child Education Center in Vitória/ES and, for this, it is based on Barbosa (2008), Franz (2008), Araújo and Oliveira (2013). It presents, as a corpus of analysis, the images represented by popular children's animations in 2019, given the possibility of applying artistic collage referenced in the work of artist Domitila de Paulo as a creative and playful process of children's artistic experimentation.

Keywords: Visual culture. Early childhood education. Image reading.

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

1 Percepções introdutórias

O presente artigo busca analisar, a partir de uma experiência de estágio, a forma como as crianças da Educação Infantil se relacionam com as propostas educativas em arte em virtude de suas interações com o mundo em descoberta e de suas vivências. Nessa perspectiva, o projeto de estágio visava a compreender, a partir das concepções de cultura visual, como as crianças do grupo 6 (6 anos) interagiriam com uma proposta de intervenção educativa feita por um estagiário, alguém diferente da professora habitual.

O Estágio Curricular Supervisionado do Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil ocorreu no segundo semestre de 2019, num Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da rede pública do município de Vitória/ES.

O estágio, de modo geral, acontece em instituições que têm uma parceria estabelecida com a universidade. A turma de estagiários, após todos os trâmites burocráticos efetivados, é distribuída entre os CMEI's parceiros e os respectivos docentes, geralmente em duplas ou trios.

No caso em análise, o estágio no CMEI foi feito por uma dupla de estudantes, assim, cada um realizaria um projeto de acordo com suas preferências ou de acordo com o projeto pedagógico que estivesse em desenvolvimento, mas com a mesma turma e a mesma professora.

O projeto em questão, titulado “Lendo imagens do universo infantil”, tinha o objetivo de explorar o processo de leitura de imagem nos meios digitais e analógicos que permeiam a realidade das crianças, incentivar a pesquisa e a reflexão sobre as imagens do cotidiano infantil, explorar a leitura de imagens como estímulo à compreensão das relações entre ficção e realidade e estimular a percepção visual e tátil das crianças nas interações entre o meio virtual e o material por meio de sua pintura, de seu recorte e de sua colagem. Para tanto, teve como referência a produção, a vida e as obras da artista Domitila de Paulo.

O CMEI onde a pesquisa foi realizada está localizado numa região habitada, em grande parte, por pessoas com mais recursos financeiros, o que torna o público dessa instituição, que é pública, bem específico. Além disso, a Educação Infantil do município é reconhecida por

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

alcançar bons índices de qualidade de ensino. O fato de essas crianças disporem de mais recursos financeiros justifica a constatação de terem um acesso mais facilitado a tecnologias digitais e a conteúdos diversos com mais frequência que as crianças periféricas.

A escolha do tema do projeto pareou a concepção básica da constatação simplificada de que as crianças, a partir da segunda década do século XXI, carregam, como característica geracional, a proximidade quase que instantânea com as plataformas digitais. Seja nas ferramentas como *tablets*, televisores, *smartphones*, seja no conteúdo como desenhos animados e jogos frequentemente atualizados como entretenimento principal, além de toda uma influência pouco controlada que recebem por propagandas e/ou produtos idealizados para essa faixa etária.

A proposta de trabalhar a colagem a partir da leitura de imagens por meio dos desenhos animados veio da observação da forma como o cotidiano infantil é carregado por imagens digitais, que pouco são aproveitadas como processo educativo nos centros de Educação Infantil e, quando ocorre a aplicação dessas, quase sempre são usadas como ferramenta de escape ou entretenimento. Dessa forma, foram identificadas algumas das possibilidades que elas apresentam a partir da construção da história, do jogo de cores, dos personagens e de suas relações com a realidade e de práticas artísticas que possam ser realizadas e compreendidas pelas crianças.

A colagem, adotada como plataforma de expressão da atividade, foi considerada segundo os trabalhos analógicos da artista Domitila de Paulo, que relaciona temáticas atuais com elementos figurativos e abstratos em um vasto portfólio e que tem a rede social Instagram como sua principal plataforma de divulgação e interação.

Na escola, essa relação se deu de forma mais simplificada, considerando a experimentação sensorial das crianças, assim, o trabalho consistiu no fazer e não necessariamente na construção de um produto, apesar de resultar num trabalho físico (um painel).

Para balizar teoria e prática, a proposta de leitura de imagens foi orientada pelos referenciais teóricos da disciplina, destacando-se Araújo e Oliveira (2013) e Franz (2008), que

discutem métodos de leitura de imagens no ensino da arte contemporânea, bem como Ostetto (2011), que discute possíveis práticas e sentidos no ensino de arte na Educação Infantil.

2 Teoria e prática: a experiência da execução

O projeto “Lendo imagens do universo infantil” foi executado em três momentos diferentes com o grupo 6. O primeiro encontro ocorreu na sala de Arte, durou em torno de 30 minutos e teve, como objetivo, apresentar a atividade para as crianças por meio da apresentação de cinco trechos (Imagem 01) previamente selecionados das seguintes animações popularmente conhecidas no universo infantil naquele período:

1. *O Show da Luna! Um Passeio no Céu, Como os aviões voam?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e0jkLRT2OYY>, do 45'' aos 2'40''. Acesso em 20/10/2019 às 16 horas;
2. *Pepa Pig, Festa da Abóbora*, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aJxOrFGMA-I>, do 00'' aos 2'. Acesso em 20/10/2019 às 16:10 horas;
3. *Peixonauta, O Caso do outro Peixonauta*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-g27pnXZTyA>, do 35'' aos 2'. Acesso em 20/10/2019 às 16:20 horas;
4. *Thomas e Seus Amigos, Ferrovia Útil, Thomas O Trem*, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2REJI6fEQpA>, do 35'' aos 2'30''. Acesso em 20/10/2019 às 16:30 horas;
5. *Bebê Tubarão (Baby Shark)*, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8sbCBYEqNo>, do 2'06'' aos 3'32''. Acesso em 20/10/2019 às 16:40 horas.

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

Imagem 01. Apresentação das animações.



Fonte: Acervo pessoal.

15

A segunda atividade foi realizada a partir do levantamento e da seleção feita juntamente com as crianças das animações 2 e 5 (*Peppa Pigs* e o *Baby Shark*). Assim, foi apresentada, após a revisão da atividade anterior, uma seleção de figuras de revistas, já recortadas, para que houvesse mais tempo para conversar sobre elas e, posteriormente, agilizar o processo da colagem. Nessa perspectiva, foram reapresentados os trechos escolhidos dos dois vídeos e, dessa maneira, foi feita uma leitura mais próxima do que Araújo e Oliveira (2013) descrevem a partir dos diferentes métodos de leitura de imagens. Da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (2014), foram explorados os eixos contextualizar, ler e fazer. No eixo fazer, buscamos inserir as crianças na técnica da colagem como uma produção contextualizada com a leitura das imagens e a apreciação.

Desse modo, as crianças foram questionadas com perguntas ativadoras como: qual desenho vocês acabaram de ver? Onde estão os personagens? Quem são os personagens principais? O que são eles (animais, pessoas, objetos, vegetais)? Quais são as cores mais

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

presentes? Sobre o que os personagens falam? Eles são reais? Por que vocês gostam deles? Eles parecem com os desenhos que passam na sua casa/escola? Entre outras. A partir dos diálogos, foram iniciadas as escolhas individuais e suas possíveis relações com os personagens para a colagem em si, em um processo contínuo (Imagem 02).

Imagem 02. Execução da colagem.



Fonte: Acervo pessoal.

No terceiro e último encontro demos continuidade à leitura das imagens por meio da análise da colagem desenvolvida no momento anterior. Foi então intensificada a arte da colagem e da artista Domitila de Paulo em diálogo com a produção de colagem que as crianças realizaram, explorando a criação individual em uma perspectiva sensorial e experimental.

O trabalho de Domitila, apesar de não ter sido aprofundado com as crianças, carrega em sua estrutura analógica elementos significativos entre o figurativo e o abstrato que contribuiram para o desenvolvimento da atividade, como se pode observar nas imagens 03 e 04. A partir dos trabalhos da artista, foi feita uma curadoria educativa e foi selecionado em um acervo pessoal de várias figuras recortadas, guardadas há muito tempo, quase esquecidas num armário, o que

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

levou a uma instigante relação com o que Martins e Picosque (2008, p.69) discutem ao citar Perrenoud (1993, p. 49):

[...] o educador é um *bricoleur* que utiliza resíduos e fragmentos de acontecimentos, o que tem à mão, o que guarda em seu “estoque” e com eles cria novas situações de aprendizagem, reutilizando textos e situações materiais, acrescentando elementos de sua experiência e de seu repertório cultural. [...] Nem sempre nos damos conta dos acervos que possuímos, das imagens que estão em nossos livros e bagagens [...].

Imagem 03. *Sem descrição.*



Imagem 04. *Orun vai de encontro às suas deusas. Da série Deusas no Orun.*



Fonte: <https://www.facebook.com/pg/pordomitila/posts/>
<https://www.facebook.com/pordomitila/photos/orun-vai-de-encontro-%C3%A0s-suas-deusas-da-s%C3%A9rie-deusas-no-orun-colagem-anal%C3%B3gica/1073045859445509/>

Fonte: <https://pt-br.facebook.com/pordomitila/photos/orun-vai-de-encontro-%C3%A0s-suas-deusas-da-s%C3%A9rie-deusas-no-orun-colagem-anal%C3%B3gica/1073045859445509/>

Portanto, foi possível identificar o que Ostetto (2011) discute sobre repertórios vivenciais e culturais das crianças, em que a “versão escolarizada” da arte se coloca em confronto constante entre o fazer e o produto. Na atividade, o fazer proposto de escolher as imagens das quais mais gostavam desencadeou uma importante discussão em que as crianças

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

tinham uma grande afinidade com as animações selecionadas, portanto, uma certa dificuldade para fazer a escolha somente de duas animações.

Dessa forma, os recortes foram dispostos na tentativa de manter certa ordem, então, as crianças, aos poucos, selecionavam e aplicavam cola com pincel para a colagem no painel. A ideia de ordem foi questionável, entretanto, foi evidente o processo experimental e o “mergulho” na atividade ou momento em que as crianças se permitiram estar.

A comunicação verbal foi essencial para a organização de acordos a fim de que todos conseguissem participar da atividade, pois todos o desejavam. Essa vontade de fazer primeiro ou mais que outros colegas desencadeou choros pontuais e irritação de alguns, mas essas situações foram facilmente solucionadas pela professora regente da turma.

Diante da atividade prática encaminhada, a necessidade de um produto se tornou eminente, contudo, no decorrer das atividades, as relações que as crianças fizeram entre a ficção e as suas realidades abriram caminhos inesperados e interessantes do ponto de vista analítico. Suas subjetividades que marcam seus comportamentos trazem elementos sobre suas vivências, experiências e o esforço que a atividade despertou nelas ao fazerem buscas críticas sobre as imagens que viram nos desenhos e o que identificaram no mundo a sua volta.

Posteriormente à roda de conversa em que as crianças puderam falar e perguntar sobre a artista e observar a produção de colagens das imagens inspiradas na produção delas, foi proposta uma intervenção pictórica sobre o painel feito. Para essa intervenção, foi mais adequado que fôssemos para o lado externo da sala, o quintal, que fica ao lado da sala de arte. Nesse momento, as crianças usaram a pintura livre com água colorida com pigmentos (Imagem 05) para intervirem da forma que quisessem em uma produção coletiva, feita a muitas mãos e pincéis, com muita conversa e brincadeira.

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

Imagem 05. *Intervenção pictórica sobre a colagem.*



Fonte: Acervo pessoal.

Como visto na figura anterior, a atividade foi totalmente tátil e visual. A partir da colagem, as crianças tiveram a liberdade de experimentar a pintura livre, sobrepondo as colagens e experienciando uma atividade coletiva em que o fazer era mais importante que qualquer resultado estético, que costuma ser sempre esperado pelos pais (como exigência) e professores (como cobrança), como se o aprendizado só possa ser legítimo se houver um produto sobre e a partir dele. O fazer pelo fazer, pelo lúdico, pela brincadeira, pela experimentação, ainda carrega um tom pouco apreciável em muitos ambientes escolares como se observa em relatos docentes.

Entretanto, percebemos que, por mais que as crianças estejam envolvidas com as atividades, temos um grande desafio que é mantê-las concentradas por algum tempo. Nesse aspecto, fomos desafiados a consolidar uma forma de mantê-las atentas em relação às atividades propostas. Como é comum entre as crianças pequenas, questões de comportamento ganham expressividade no que tange a trabalhos coletivos, como esperar a vez para falar, escolher materiais, dentre outros. Porém, essas situações foram contornadas com a ajuda da professora e assistente.

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

Dessa forma, é possível afirmar que houve um retorno didático interessante, considerando o que foi planejado e o que se buscava vivenciar em uma experiência de estágio. Muitos imprevistos aconteceram, pois, o planejado sempre ocorre de forma diferente, por se tratar de um público muito espontâneo, em processo de descoberta do mundo à sua volta. Apesar de haver uma preocupação pessoal em desenvolver o projeto da forma prevista, ao longo das atividades, pôde-se chegar à conclusão de que o processo era o mais importante, a descoberta docente e as interações entre o público infantil e as professoras. De toda forma, as crianças gostaram das atividades e sempre mostravam entusiasmo ao que era proposto, obtendo, portanto, um resultado gratificante.

2.1 Avaliação e retorno: o que uma sequência didática pode dizer sobre cultura visual na vida das crianças

A sequência didática apresentou uma assertividade no que tange à importância de buscar entrelaçar referências teóricas com o cotidiano das crianças dentro das suas realidades etárias. Os desenhos animados infantis representam alguns dos principais entretenimentos desse público, sobretudo em casa. Portanto, buscar uma experiência educacional que intencione estabelecer as relações entre ficção e realidade se torna crucial para esse público.

As crianças, como esperado, conheciam todos os desenhos animados apresentados. Os dois desenhos escolhidos para a leitura de imagens e confecção da colagem foram os com os quais eles demonstraram maior entusiasmo, o *Peppa Pigs* e o *Baby Shark*, pois ambos invadem o universo infantil desde a mais tenra idade.

Essa afinidade com algumas imagens diz muito sobre a realidade coletiva criada no universo infantil a partir dos avanços tecnológicos e da acessibilidade dessas ferramentas digitais. Na década anterior (2010), por exemplo, o acesso a esses meios era limitado a grupos mais privilegiados da sociedade, e mesmo os que tinham acesso às “novidades” tecnológicas

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

não contavam com a gama de opções que existem atualmente, pois, elas ainda não se consolidavam como uma realidade de massas como é possível constatar a partir da análise de Santino (2019).

As famílias, de modo geral, dependiam da programação das TV's abertas, e as com maior poder econômico tinham as TV's por cabo ou por assinatura, que também contavam com uma grade limitada, apesar de mais ampla que a TV aberta.

Com a popularização dos dispositivos móveis, do *streaming* e de sites de vídeos como o Youtube, as possibilidades de escolha se ampliaram e a atenção da criança entrou em um processo de disputa comercial mais atento a essa nova realidade. Assim, aumentou, exponencialmente, a oferta de animações, surgindo categorias e dando um novo sentido ao mercado de entretenimento audiovisual para essa faixa etária. Com isso, passa a existir uma perda da criatividade analógica, em uma realidade cada vez mais dependente das intervenções mercadológicas a partir desses produtos de entretenimento.

Nesse sentido, Queiroz (2014) desenvolve sobre a ideia de cultura visual, que representa o ápice da forma como as novas gerações enxergam e são apresentados pelo mundo atual. Ele a caracteriza

pelo trânsito que produz entre a cultura das certezas – que caracteriza o pensamento da modernidade e que tem seu fundamento nas propostas da ilustração (onde se localiza a origem da instituição e do conhecimento escolar tal como, em boa parte, continua vigente) – e a cultura da incerteza, num momento da história da humanidade em que os sistemas de crenças morais, religiosas e ideológicas são diversas, plurais e em constante fluxo (QUEIROZ, 2014, p. 43).

Dessa forma, a escola se amplia como espaço de arte repercutida pelas ilustrações expostas de todas as formas na sociedade. Não cabe mais um ensino de arte apenas teórico ou com atividades lúdicas de caráter recreativo ou tecnicista. A realidade exige das/os arte/educadoras/es a habilidade de compreender melhor o contexto cultural, de forma que o “fazer arte” seja possível e natural nas salas de atividades, com a devida relação com o restante

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

do currículo e com o estímulo à imaginação. O trânsito entre as certezas e as incertezas precisa ser consciente, educativo e plural.

Sobre a imaginação, que é tão importante para a infância, Girardello (2016) descreve que

é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita (GIRARDELLO, 2016, p. 76).

Por mais que a proposta didática tenha concluído que o mais importante para essa faixa etária de ensino é a experiência do lúdico, permanece em sua essência a provocativa de que no ensino de arte, para além do brincar e imaginar, a intencionalidade artística deve ser efetiva. No caso da colagem e da profundidade crítica da Domitila de Paulo, por mais que para as crianças represente uma leve lembrança/referência, lembrar da atividade, rememorar, talvez não as leve para a poética da artista, mas para as possibilidades com as quais a colagem, a pigmentação e as animações de seu cotidiano as conectam.

Assim como grandes autoras e autores já enfatizavam em tempos mais distantes, a necessidade de um processo educativo emancipatório através do desenvolvimento crítico e das habilidades essenciais para uma vida autônoma e qualitativa em sociedade, a compreensão e implantação de um ensino participativo, que de fato envolva e desenvolva as habilidades humanas através das artes visuais cumpre seu papel histórico em incrementar, nas novas realidades, conhecimentos fundamentais que não devem ser dispersos.

Seguindo essa linha, Franz (2008) aprofunda a discussão sobre a necessidade de estimular a compreensão crítica da arte nos estudantes, seja qual for a sua fase de aprendizado. Com análises teóricas e orientações práticas é possível traçar estratégias eficientes de ensino.

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

De modo geral, é preciso, fundamentalmente, que a vontade do docente de seguir uma trilha (não a mais fácil) possibilite ganhos concretos à experiência escolar das crianças.

Os grandes ganhos, para além de um fazer docente em constante transformação, estão nas mudanças concretas na realidade das crianças que, majoritariamente, estão em uma condição de necessária melhora estrutural, econômica, cultural e social, ampliando-se para outras realidades e níveis escolares.

Franz e Gralik (2006) empreendem uma significativa abordagem teórico-metodológica no que tange ao fazer docente frente à mediação e à análise crítica da imagem. Essa concepção, não é tão nova, mas crucial na cultura visual em que vivemos, em que as imagens às quais as massas têm acesso, muitas vezes, estão distantes das tradicionais galerias aglutinadas nos grandes centros urbanos.

Vale ressaltar as etapas citadas para proceder nessa importante modalidade de estudo com as crianças. As imagens, que estão presentes no cinema, na tv, na publicidade, nas grandes mídias, nas ruas e nas galerias, estabelecem em um processo temporal e gradativo, outras concepções de realidades, e os modos como o ser humano se relaciona com seu entorno, as formas, as cores e suas interpretações.

É evidente que o atrativo comercial sobre o olhar da criança, bem como demais faixas etárias, estabelece uma realidade difusa que em muito dificulta a sua análise crítica. Antes de vivenciar as experiências possíveis na atual cultura visual, elas atendem a demandas mercadológicas, cujo efeito é a alienação e/ou generalização difundidas em discursos hegemônicos. Dessa forma, o papel do/a arte-educador/a é, sempre que possível e com a leveza que o momento exige, trazer investigações que despertem o interesse de seu público, a vontade de olhar a realidade como ela realmente é, sem perder a ludicidade e a beleza que a infância proporciona.

Destarte, seja qual for a imagem utilizada, orienta-se passar por procedimentos de compreensão, iniciar com a sondagem pedagógica seguida pelo processo de pesquisa crítico-social, histórico, biográfico e estético (FRANZ, 2008). Cada elemento é importante para os

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

resultados esperados em uma proposta educativa. Por fim, a avaliação final deverá compreender os níveis de complexidade do momento educativo, as camadas envolvidas e os potenciais pedagógicos que a prática proposta possibilita.

Também na perspectiva da mediação e da análise crítica, Barbosa (2008) traz uma perspectiva para o ensino não-formal. As galerias, tão perto de alguns grupos e distantes de outros, têm um papel fundamental para uma arte/educação propositiva e contextualizada. A obra de arte já conceituada, apesar de uma acessibilidade questionável, na maioria das vezes diz muito sobre uma realidade, um período e/ou um marco histórico, cujas consequências ainda podem ter influências nas realidades da contemporaneidade.

Saber utilizar essas obras como um processo educativo, crítico e propositivo é uma habilidade igualmente crucial para o/a arte-educador/a. Barbosa (2008), a partir de seus exemplos práticos e das concepções de Teresinha Franz (2008), recorre aos “âmbitos de compreensão” para delinear os procedimentos de análise. Cada objeto estudado vai exigir um tipo diferenciado de atenção. Alguns mais fáceis de serem assimilados e desenvolvidos que outros. O importante para o/a arte-educador/a é ter um referencial teórico-metodológico que lhe possibilite encaminhar práticas educativas emancipadoras.

Portanto, o ensino de arte na contemporaneidade pode ser entendido como o desafio do agora. Um agora que precisa ser bem compreendido para que haja as relações saudáveis para a educação de qualidade que todas as crianças, adolescentes e adultos merecem têm direito. Educar com arte é reconhecer esse grande desafio, em realidades diferentes e muitos casos cruéis, e tomar estas como ponto de partida para mobilizar uma arte-educação que fomente a criação de alternativas e/ou de ferramentas para a transformação positiva da sociedade.

3 Considerações

A experiência de estágio possibilitou, para além de uma etapa do ensino pedagógico em arte, reflexões de inestimável valor sobre a responsabilidade do/a arte-educador/a de propiciar, na medida em que desenvolve e aprofunda suas concepções pedagógicas, o real sentido de educar e sensibilizar para a arte.

As crianças dos grupos 6 estão na sua mais pura e criativa fase de descoberta do mundo ao seu redor. Muitas têm o privilégio de vivenciar esse momento da melhor forma possível, com uma família presente, que para além da escola, dão-lhes amor e carinho, um direito de todas, mas que, infelizmente, não é garantido a muitas delas.

A realidade da cultura visual traz para essas crianças, independente das suas realidades pessoais, artifícios para o florescimento de sua imaginação, com padrões, desejos e violências que devem ser devidamente reconhecidas pelo arte-educador. A *Pepa Pigs*, por exemplo, pode simbolizar afetos, desejos e padrões diferentes para cada criança. E é óbvio que essa responsabilidade não é única, muito menos própria do/a arte-educador/a. Afinal, sua responsabilidade é a de mostrar como a arte pode libertar e transformar o processo criativo para uma vida em pleno desenvolvimento.

Portanto, a experiência do estágio, bem como a produção desse artigo escancararam a importância da arte-documentação, que apesar de nem sempre ser possível, documenta o processo de teorização da prática docente e é, desse modo, um exercício fundamental para o aprimoramento do fazer pedagógico. A simbiose educativa entre os conceitos teórico-metodológicos com a prática docente é, portanto, imprescindível quando se quer realizar uma intervenção pedagógica emancipadora.

A Cultura visual na Educação Infantil
observações práticas do/no ensino de arte na contemporaneidade
Paulo Silva

Referências

ARAÚJO, G. C.; OLIVEIRA, A. A. Sobre Métodos de Leitura de imagem no ensino da arte contemporânea. In: **Imagens da Educação**, v. 3, n. 2, p. 70-76, 2013.

BARBOSA, Maria Helena Rosa. A Máscara e a Face: “proposta de instrumento de mediação e análise crítica” de uma obra de arte em educação não-formal. In: **Anais do 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais** – 19 a 23 de agosto de 2008 – Florianópolis.

FRANZ, Teresinha Sueli. Os estudantes e a compreensão crítica da arte. In: **Revista Imaginar. Assoc. de Professores de Expressão e Comunicação Visual**. N. 47. Editora: Teresa Eça, Pp. 4-11. Jan/2008.

FRANZ, Teresinha Sueli; GRALIK, Thais Paulina. Instrumento de Mediação e Análise Crítica de uma Imagem. In: **Revista Digital Art&** - ISSN 1806-2962 - Ano IV - Número 06 - Outubro de 2006.

GIRARDELLO, G. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 75–92, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643263>. Acesso em: outubro de 2021.

MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Editora Arte por escrito/Rizoma Cultural. Content Stuff, 2008.

SANTINO, Renato. **A década do streaming: tecnologia mudou a forma de consumir música**. Olhar Digital, 2019. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2019/12/12/retrospectiva-2009-a-2019/a-decada-do-streaming-tecnologia-mudou-a-forma-de-consumir-midia/>, acesso em outubro de 2021.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis**. Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320> Acesso em novembro de 2019. QUEIROZ, P. P. de. (2014). A arte na educação para a compreensão da cultura visual. In: **RevistAleph** (14). <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i14.39016>